



Maria Santíssima Via mais rápida, curta e segura para se chegar a Deus

**Visão panorâmica dos privilégios da
Santa Mãe de Deus, de suas
prefiguras no Antigo Testamento e de
seu culto no Novo Testamento**

Plínio Maria Solimeo

Neste mês de fevereiro comemoramos duas importantes festividades da Santíssima Virgem: no dia 2 a sua Purificação, ou dia “das Candeias”, e no dia 11 Nossa Senhora de Lourdes.

A festa da Purificação celebra simultaneamente a Apresentação do Menino Jesus no Templo e a Purificação de Nossa Senhora, 40 dias após o nascimento do Salvador. Enquadrava-se no ciclo do Natal, e correspondia à data de seu fechamento. Nesse dia se benzem as velas para o culto litúrgico, provindo daí também o nome de Nossa Senhora das Candeias, ou Candelária, e a procissão das candeias. A vela representa Jesus, luz do mundo, e o acolhimento que lhe fez o velho Simeão como “*luz para esclarecer os povos, e glória de Israel*”.

Esta é uma das festas marianas mais antigas, talvez a primeira de todas, e já se tem notícia de sua celebração em Jerusalém no século IV, de onde passou para Constantinopla, chegando a Roma no século VII.

A partir de 16 de julho de 1858 — precisamente quatro anos depois de o Bem-aventurado Papa Pio IX ter definido o dogma da Imaculada Conceição — a Virgem Santíssima apareceu 18 vezes a Santa Bernadette Soubirous numa gruta em Massabielle, nas cercanias de Lourdes. Na aparição do dia 25 de março Ela disse à vidente “*Eu sou a Imaculada Conceição*”, confirmando assim o dogma pouco antes proclamado. O humilde e esquecido burgo de Lourdes tornou-se o mais célebre santuário mariano do mundo, ao qual multidões acorrem para testemunhar à

Santíssima Virgem sua devoção. Os inúmeros milagres e as muitas conversões ali obtidas transformaram-no em um lugar bendito de graças e de oração.

Apresentamos neste número algumas considerações sobre o papel da Virgem Santíssima na piedade católica, visando torná-la mais conhecida, segundo o desejo expresso pelo Pe. William Faber em sua tradução do *Tratado da Verdadeira Devoção*, de São Luís Maria Grignon de Montfort: *"Ó, se Maria fosse ao menos conhecida, não haveria frieza para Jesus! Ó, se Maria fosse ao menos conhecida, quão mais admirável seria nossa fé, como seriam diferentes nossas comunhões! Ó, se Maria fosse ao menos conhecida, quanto mais felizes, mais santos, menos mundanos seríamos, como nos tornaríamos imagens vivas de Nosso Senhor e Salvador, seu diletíssimo e diviníssimo Filho!"*(1)

Maternidade Divina, origem de todos os privilégios marianos

Nossa Senhora é a obra-prima de Deus. Ela é *"o paraíso terrestre do novo Adão, no qual este se encarnou por obra do Espírito Santo, para operar maravilhas incompreensíveis. É o grande, o divino mundo de Deus, onde há belezas e tesouros inefáveis. É a magnificência de Deus, em que Ele escondeu, como em seu seio, seu Filho único, e nele tudo que há de mais excelente e mais precioso"*.(2)

Maria foi cumulada com uma plenitude de natureza e de graças, na previsão de sua maternidade divina. Por isso Ela esteve mais unida e mais próxima de seu Filho e de sua obra redentora do que todos os outros seres criados. Esta é a razão pela qual se deve a Ela um culto especial na piedade católica, ou *hiperdulia* (veneração excelente), que a Igreja lhe tributa desde tempos imemoriais. Esse culto é superior ao de *dulia* (veneração), que se rende aos anjos e aos santos, e inferior ao culto de *latria* (adoração), que devemos somente a Deus.

Os Santos Padres sempre consideraram a eminente dignidade de Mãe de Deus como sendo a fonte, a medida e o fim de todas as perfeições de Maria. Quando querem falar da plenitude de sua graça e da imensidade de sua glória, recorrem a esse título como a uma regra infalível, a partir da qual se deve julgar a abundância de santidade e felicidade que lhe foi dada.

Maria possui todas as qualidades que são possíveis a uma mera criatura, e que convinhem a seu papel de Mãe de Deus e mediadora universal, tal como aprovou a Deus realizar. Desse modo, devemos crer que todo privilégio conferido alguma vez a qualquer criatura, desde que conveniente ao papel de Mãe de Deus, foi também conferido a Maria, conforme ensina São Bernardo, o grande paladino da devoção a Nossa Senhora, apoiado em Padres da Igreja e outros autores antigos, entre os quais São Pedro Crisólogo e Sofrônio, patriarca de Constantinopla.(3)

"Maria teve, desde a Anunciação, conhecimento da divindade do Filho que dela nasceria e da missão que a Ela correspondia pessoalmente; e um conhecimento de tipo verdadeiro e real, muito superior a todos os conhecimentos escolásticos de todos os teólogos. Esse conhecimento inicial, obviamente, não impedia um progresso no entendimento do mistério, nada contrário ao progresso de sua fé viva; mas faz ver que não é um progresso no sentido de passar do desconhecido ao conhecido, mas de ir conhecendo cada vez melhor o que desde o princípio Deus lhe havia revelado".(4)

Maria e a Encarnação do Verbo

Quando o Padre Eterno, desde toda a eternidade, decretou a Encarnação do Verbo, estabeleceu que o Verbo tomaria um corpo mortal e viria ao mundo por via de geração, nascendo de uma mãe. Portanto, não seria dado ao mundo por via de simples criação — isto é, pela formação milagrosa de um corpo e uma alma a que se unisse a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, sem qualquer intervenção de uma mãe.

Quanto ao aspecto materno, determinou o Padre Eterno que o Filho se tornaria homem como os demais pela natureza, encarnando no seio de uma mãe e tomando uma carne passível e mortal, para resgatar o gênero humano: teria assim um Pai divino e uma mãe humana. É fácil constatar então que o decreto da Encarnação encerrou sempre o da Maternidade Divina; e que a predestinação de Jesus Cristo é, desde toda a eternidade, estreitamente ligada à de Maria. Como Ela só foi predestinada para Jesus Cristo, Ele foi também predestinado em função d'Ela.



A Anunciação – atribuído a Bernart van Orley, séc. XVI. Fitzwilliam Museum, Cambridge

"No próprio começo da história da salvação, quando a sabedoria de Deus planejava todas as coisas, como diz a Sagrada Escritura (Ecl. 24, 9-11), Maria estava já presente na mente divina como a Mãe d'Aquele que ia ser o Salvador, o autor e o princípio da Nova Criação. Em seu conhecer eterno, Deus via Adão rebelar-se contra Ele e condenar-se à escravidão do pecado, ao acolher o convite de Eva; e via também Cristo, nascido de Maria, refazendo com sua perfeita obediência a harmonia do criado e levando-a à plenitude da consumação a que a liberalidade divina a destinava".(5)

Conseqüentemente eles não podem ser jamais separados, estão

juntos no tempo, na eternidade, na consumação dos séculos. Por isso, é por Maria que sempre se vai e sempre se volta a Jesus. Ela é o caminho mais curto e mais seguro para chegar a Cristo, e por Cristo a Deus Pai.

Um jesuíta (que escreve sob o pseudônimo de A.M.D.G.)(6) faz notar muito bem que a própria Mãe de Deus foi submetida, como os anjos, a uma escolha espiritual radical. Ao convite do Arcanjo Gabriel, Ela poderia responder como os anjos maus: *Non serviam - Não servirei!*. Pelo contrário, abrasada do amor de Deus, Ela respondeu com um *Fiat* (faça-se) amoroso e total.

Ensinam grandes Doutores que, no instante em que os anjos foram convidados a participar da vida divina, Deus lhes teria revelado sua futura dependência em relação ao Verbo Encarnado, bem como em relação a Maria Santíssima, "*cheia de graça*" (Lc 1,28). Embora simples criatura humana, por sua excelsa dignidade de Mãe de Deus Ela ocuparia junto a seu divino Filho uma posição acima de todos eles, e eles teriam de servi-la. Muitos dos espíritos angélicos — um terço deles, segundo se deduz do Apocalipse(7) — são os demônios, que preferiram o *non serviam*.

A reação dos anjos rebeldes é bem descrita por Frei Bernard-Marie, O.F.S: "*Para seu puro espírito, isso constituía certamente uma prova, porque equivalia a pedir-lhes que deixassem uma ordem bela e boa em si, para se submeter a uma outra paradoxal, que não podia ter sua coerência senão no Amor divino, indo além de todas as exigências de uma natureza criada. Para aderir a tal plano, era necessário que eles abandonassem seu julgamento de criatura e aceitassem de se colocar, com toda confiança, no que lhes propunha seu Criador. Esse ato de amor sobrenatural era para eles, ao mesmo tempo, ocasião de mérito e de cooperar livremente com seu destino de eterna beatitude. Certos místicos sustentaram que os anjos, no ato que praticaram de abandono à vontade de Deus nesse instante de escolha, foram confortados pelo que perceberam do ser imaculado de sua futura Rainha, ao mesmo tempo tão humilde e tão próxima do Altíssimo. Ao invés da ordem sobrenatural da caridade comunicante, [os anjos maus] preferiram permanecer pequenos 'deuses' solitários diante do grande Deus trinitário, mas definitivamente fora de sua vista. 'De modo que, conclui São Tomás, o anjo pecou voltando-se contra seu próprio bem, pelo seu livre arbítrio, sem o ordenar à regra superior, que é a vontade divina' (Summa Teológica, Ia, q. 63, art. 1, ad 4)".(8)*

Em vez de formarem o cortejo daquela que seria a Rainha dos Anjos e dos Santos, passaram os anjos maus a armar insídias contra os filhos e devotos de Maria, conforme assinala São Luís Maria Grignon de Montfort em seu famoso *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*.

Maria, superior pela graça aos querubins e serafins

Santo Tomás de Aquino, em seu comentário da Ave-Maria, faz notar que não se tinha jamais ouvido dizer, antes da Anunciação, que um anjo se tivesse inclinado diante de uma criatura humana. São Gabriel, entretanto, o fez diante da Santíssima Virgem. Por quê? Se ele o fez ao saudá-la, é porque Maria, embora mera criatura humana, era-lhe superior por sua plenitude de graça e familiaridade com Deus, sobretudo por sua dignidade de futura Mãe de Deus. Ela havia sido destinada a reinar no Céu, acima dos anjos e santos. Essa passagem do Doutor Angélico é assim desenvolvida pelo conhecido teólogo francês Pe. Reginald Garrigou-Lagrange O.P.:

"A graça habitual que recebeu a Bem-aventurada Virgem Maria no próprio instante da criação de sua santa alma foi uma plenitude, na qual já se verificava aquilo que viria dizer o anjo no dia da Anunciação: 'Ave Maria, cheia de graça'. É o que afirma Pio IX, com a Tradição, ao definir o dogma da Imaculada Conceição. Ele diz mesmo que Deus fê-la alvo de tanto amor desde o primeiro instante, 'de preferência a qualquer outra criatura (præ creaturis universis), a ponto de se comprazer nela com singularíssima benevolência. Por isto cumulou-a admiravelmente, mais do que a todos os anjos e a todos os santos, da abundância de todos os dons celestes, tirados do tesouro da sua Divindade' (Pio IX, Bula Ineffabilis Deus – 1854).

"Enfim, ela ultrapassava os anjos por sua pureza, mesmo sendo estes últimos puros espíritos, pois não somente era puríssima em si mesma, mas já transmitia pureza aos outros. Não somente estava isenta do pecado original e de todo pecado, quer mortal, quer venial, mas também da maldição devida ao pecado: 'Darás à luz com dor [...] e retornarás ao pó' (Gn 3, 16, 19). Ela conceberá o Filho de Deus sem perder a virgindade, carregá-lo-á em seu seio num santo recolhimento, dará à luz na alegria, será preservada da corrupção do sepulcro e associada pela Assunção à Ascensão do Salvador.

"Um pouco mais adiante, na mesma bula, diz o Papa que, segundo os Padres da Igreja, Maria é superior pela graça aos querubins, aos serafins e a toda a milícia angélica (omni exercitu angelorum), ou seja, a todos os anjos juntos".(9)

É o que afirma São Germano, dirigindo-se a Maria: "A tua honra e dignidade colocam-te acima de toda a criação: a tua sublimidade faz-te superior aos anjos".(10)

Mediação junto ao único Mediador de todas as graças

São Bernardo ensina ser lei geral da Divina Providência que, no que concerne à salvação dos cristãos, todas as graças passem pelas mãos de Maria



(*Serm. III in vigilia Nativitatis Domini*); e que Deus pôs em Maria a plenitude de todo bem, de tal forma que tudo o que há em nós de esperança, graça e salvação, nós soubéssemos que d'Ela provém (*Serm. in nativitate B.V.M., de aquæductu, 6 se., col. 441*).⁽¹¹⁾

Assim, mesmo as graças conferidas pelos Sacramentos são obtidas pela intercessão de Maria, no sentido de que vêm por meio dela as disposições com que os recebemos, e das quais depende a produção sacramental da graça.⁽¹²⁾

Sua mediação é no entanto de intercessão, recebendo toda a sua eficácia dos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é o único e verdadeiro Mediador, e Ela a Mediadora junto ao Mediador, segundo as palavras de Leão XIII: "*Pelo seu admirável consentimento dado para todo o gênero humano, Maria obteve para os homens seu Salvador. Por essa causa Ela é uma muito digna e muito aceita Mediadora junto ao Mediador*" (Encíclica *Fidentem piumque*, de 20 de dezembro de 1896).

Na encíclica *Quamquam pluries*, de 15 de agosto de 1889, o mesmo Pontífice a denomina "*Mãe de todos os cristãos*", os quais Ela engendrou no Calvário em meio aos sofrimentos extremos de seu Filho. Na encíclica *Magna Dei matris*, de 1º de setembro de 1892, celebra Maria como mãe de misericórdia, de tal modo disposta em relação a nós, que em todas as nossas necessidades, sobretudo no que diz respeito à aquisição da vida eterna, Ela vem sempre prontamente em nosso socorro, mesmo sem ser solicitada.

São Pio X, na encíclica *Ad diem illum* (2 de fevereiro de 1904), afirma que as graças das quais Maria Santíssima foi estabelecida dispensadora nos foram adquiridas pela morte e pelo sangue de Jesus Cristo. E acrescenta que Jesus, por direito, é delas o dispensador, uma vez que são o fruto exclusivo de sua morte. Só Ele é o Mediador principal entre Deus e os homens. Ele é a fonte, e é de sua plenitude que nós recebemos tudo em abundância. Nossa Senhora é apenas o aqueduto (ou o pescoço), pelo qual Cristo, a cabeça, comunica a todo o Corpo Místico os dons espirituais. O Santo Pontífice pergunta: "*Não é Maria a Mãe de Deus? Ela é, pois, também nossa mãe; porque é um princípio bem seguro que Jesus, Verbo feito carne, é ao mesmo tempo o Salvador do gênero humano*". E conclui que todos nós — que estamos unidos a Nosso Senhor, e que somos membros de seu corpo, sua carne e seus ossos, como diz São Paulo em sua epístola aos Efésios (5, 30) — saímos do seio de Maria como um corpo espiritual ligado a Jesus, nossa cabeça.⁽¹³⁾

"Bela como a lua, brilhante como o sol"

Eis por que a Santa Igreja, conduzida pelo divino Espírito Santo, não tem dificuldade em aplicar a Maria textos de diversos livros da Escritura.

Assim, no Cântico dos Cânticos pergunta admirado o escritor sacro:

"Quem é esta que sobe do deserto como uma coluna de fumo, composta de aromas de mirra e de incenso, e de toda sorte de aromas?" (3, 6). Pelo que Deus Pai, enlevado com a obra-prima de sua criação, exclama: "Toda bela és, ó minha amiga, e não há mancha em ti" (4, 7). Aplicando a Maria as palavras dos judeus agradecidos a Judite, pode-se dizer com toda convicção: "Tu és a glória de Jerusalém, tu és a alegria de Israel, tu és a honra de nosso povo" (15, 10).

Várias das prerrogativas de Maria Santíssima encontram-se profeticamente previstas no livro do Eclesiástico, conforme a Igreja ensina: *"Estendi meus galhos como um terebinto, meus ramos são de honra e de graça. Cresci como a vinha de frutos de agradável odor, e minhas flores são frutos de glória e abundância. Sou a mãe do puro amor, do temor (de Deus), da ciência e da santa esperança, em mim se acha toda a graça do caminho e da verdade, em mim toda a esperança da vida e da virtude. Vinde a mim todos os que me deseiais com ardor, e enchei-vos de meus frutos; pois meu espírito é mais doce do que o mel, e minha posse mais suave que o favo de mel. A memória de meu nome durará por toda a série dos séculos. Aqueles que me comem terão ainda fome, e aqueles que me bebem terão ainda sede. Aquele que me ouve não será humilhado, e os que agem por mim não pecarão. Aqueles que me tornam conhecida terão a vida eterna" (24, 26 a 31).*

Nesse mesmo capítulo do Eclesiástico, o autor sacro põe profeticamente nos lábios da Santíssima Virgem: *"Saí da boca do Altíssimo; nasci antes de toda criatura. Habitei nos lugares mais altos: meu trono está numa coluna de nuvens, e percorri toda a Terra. Imperei sobre todos os povos e sobre todas as nações. Tive sob os meus pés, com meu poder, os corações de todos os homens, grandes e pequenos" (24, 5,7,9,11).*

Isso tudo supõe que a concepção de Nossa Senhora estava na mente do Altíssimo desde toda a eternidade. Por isso o livro dos Provérbios põe também profeticamente em seus lábios: *"O Senhor me criou, como primícia de suas obras, desde o princípio, antes do começo da Terra. Desde a eternidade fui formada [na mente divina], antes de suas obras dos tempos antigos. Ainda não havia abismo quando fui concebida, e ainda as fontes das águas não tinham brotado. Antes que assentados fossem os montes, antes dos outeiros, fui dada à luz; antes que fossem feitos a terra e os campos e os primeiros elementos da poeira do mundo. Quando Ele preparava os céus, ali estava eu; quando traçou o horizonte na superfície do abismo, quando firmou as nuvens no alto, quando dominou as fontes do abismo, quando impôs regras ao mar, para que suas águas não transpusessem os limites, quando assentou os fundamentos da terra, junto a ele estava eu. [...] E agora, meus filhos, escutai-me: Felizes aqueles que guardam os meus caminhos. Ouvi minha instrução para serdes sábios, não a rejeiteis. Feliz o homem que me ouve e que vela todos os dias à minha porta e guarda os umbrais de minha*

casa! Pois quem me acha encontra a vida e alcança o favor do Senhor” (8, 22 a 35).

Segundo o livro do Gênesis, no quarto dia da criação do mundo Deus formou dois grandes luminares no céu: um, maior, para presidir o dia, que é o sol; outro menor, a lua, para presidir a noite. Isso é uma figura do que Ele devia realizar no plano da Redenção, dando Jesus e Maria ao mundo: Jesus, como o soberano sol da Igreja, a primeira e mais fulgurante luz de nossas almas e o verdadeiro sol de justiça, do qual toda luz deriva. E Maria, a bela lua, porém incapaz de mudança ou de eclipse, isenta de toda mancha, benfazeja luz que reflete de uma maneira feliz sobre as almas os raios do sol divino. Por isso, admirado com o reflexo dessa alma cristalina, pergunta outra vez o escritor sacro: *“Quem é esta que surge como a aurora, bela como a lua, brilhante como o sol, temível como um exército em ordem de batalha?”* (Cant 6, 10). Foi também uma mulher vestida de sol que São João viu no Apocalipse: *“Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés, e na cabeça uma coroa de doze estrelas”* (12, 1).

Ainda nessa mesma ordem de idéias, no livro dos Provérbios (8, 22 ss), lemos estas palavras sobre a divina sabedoria, que a Igreja aplica também à Virgem Maria: *“O Senhor me possuiu no princípio de seus caminhos, desde o princípio, antes que criasse coisa alguma. Desde a eternidade fui constituída, e desde o princípio, antes que a terra fosse criada. Ainda não havia os abismos, e eu estava já concebida; ainda as fontes das águas não tinham brotado; ainda se não tinham assentado os montes sobre sua pesada massa; antes de haver outeiros, eu já tinha nascido”*.

O livro do Eclesiástico (24, 5) reafirma essa idéia: *“Eu saí da boca do Altíssimo, a primogênita antes de toda criatura”*.

Evidentemente Maria Santíssima não estava em Deus com seu ser natural, mas com seu ser ideal, pelo amor que Deus tinha a Ela, pelo desejo que tinha de formá-la, pela escolha que fazia dela para Mãe de seu Filho. Ela não tinha vida em si mesma, mas estava viva em Deus, por Jesus Cristo, da qual seria a Mãe.

Para considerar Maria Santíssima vista na Escritura Santa, é preciso ver essa luz em toda a sua extensão, considerando-a na seqüência dos séculos que a precederam, nos quais Ela teve suas figuras e esboços; e a procurar mesmo na imutável eternidade, onde por sua eleição e predestinação Ela já estava nos planos de Deus, e assim vivia na mente de Deus antes de receber uma vida mortal na Terra.(14)

Prefiguras de Maria no Antigo Testamento

Maria Santíssima foi prometida aos



Patriarcas, predita pelos Profetas, figurada pelos mais belos símbolos e mais ilustres pessoas da Antiga Lei. Já no Gênesis (cap. 3, 15) Ela é predita quando Deus amaldiçoa a serpente: *"Porei inimizades entre ti e a mulher, e entre a tua posteridade e a posteridade dela. Ela te pisará a cabeça e tu armarás insídias ao seu calcanhar"*.

Foi Ela que Deus prometeu a Abraão, a Isaac, a Jacó e a Davi quando lhes assegurou que viria um Salvador *"que seria de sua própria semente"*, isto é, que nasceria de uma de suas filhas. Ou seja, de Nossa Senhora.

Foi Ela também que Isaías predisse quando afirmou que *"sairá uma vara do tronco de Jessé, e uma flor brotará da sua raiz"* (11, 1). E que *"uma virgem conceberá e dará à luz um filho e o seu nome será Emanuel"* (7, 14).

Os santos Padres e os bons teólogos, tanto antigos quanto modernos, aplicam a Maria Santíssima tudo o que há de mais honrado e mais notável no Antigo Testamento. Assim eles a chamam o *Éden* e o *Jardim das Delícias* no qual o novo Adão escolheu sua morada; a *Árvore da vida*, plantada no meio do paraíso, e só ela é digna de portar o fruto da salvação; a *Fonte* claríssima que nasceu na Terra para regar sua superfície; a *Arca de Noé*, na qual o mundo é salvo do dilúvio do pecado. E assim se poderia estender indefinidamente a aplicação, à Mãe de Deus, de inúmeras figuras simbólicas do Antigo Testamento.

Ela é comparada também à sábia Rebeca; à bela Raquel; à piedosa Maria, irmã de Moisés; a Débora, que marchava à frente dos exércitos de Deus; à virtuosa Ana, mãe de Samuel; à prudente Abigail, que preservou sua casa do furor de Davi; à casta Judite, que cortou a cabeça de Holofernes; à santa rainha Ester, que fez morrer o soberbo Amam e aplacou a cólera de Assuero contra seu povo.

A Santíssima Virgem no Novo Testamento

As referências bíblicas diretas à Santíssima Virgem, embora não muito numerosas, são muito significativas.

No Novo Testamento São Lucas apresenta Nossa Senhora como a figura central do Evangelho, quando trata da infância. Ele a menciona também nos *Atos dos Apóstolos*, ao narrar a vida nascente da Igreja. São João fala de seu papel primordial nas bodas de Caná, e a venera ao pé da Cruz no momento ápice da vida de seu divino Filho.

Os Evangelistas, que poderiam ter-se estendido longamente sobre os méritos e louvores dessa augusta Rainha, julgaram que isso não era necessário; pois, dizendo que nasceu em seu seio virginal Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que a reconheceu e amou como mãe, dizem abreviadamente tudo que se poderia dizer.